

NOTAS HISTORIOGRÁFICAS (1982/86) SOBRE O PROGRAMA ANTÁRTICO BRASILEIRO:

“É assim que passou a haver tudo o que não havia...”

*Lucia Regina Marcondes D'Elia**

*“... E não havia nada
nem gente nem paraíso
o céu era então confuso
e não havia nada...”¹*

RESUMO

Trata-se de um relato histórico da participação do Brasil na exploração da Antártica e dos objetivos brasileiros na área. Em primeiro lugar, o Brasil tem-se dedicado à pesquisa científica, abordando diversos campos. Deste modo, cientistas de diversas áreas têm tido contato direto uns com os outros. No entanto, uma das contribuições mais significativas da experiência na Antártica foi a de provar que, ao menos nessa empreitada, houve a possibilidade de diálogo entre as comunidades militar e acadêmica.

Unitermos: Antártica – historiografia – pesquisa de campo.

Quando em 1699 Edmund Halley realizou a primeira expedição científica à Antártica, ele não poderia imaginar que estava abrindo o caminho que hoje milhares de pesquisadores, em todo o mundo, estão trilhando. Infelizmente, Halley não conseguiu chegar ao Pólo, mas ele nos deixou uma preciosa herança: a primeira carta magnética do Sul.

Depois de Halley, grandes navegadores cruzaram os mares austrais e,

* Doutoranda em Sociologia no Centre D'Etudes Arctiques (EHESS/CNRS) de Paris.

¹ VELOSO, Caetano. *Gênese*. In: *Caetano Veloso: literatura comentada*. São Paulo, Abril Educação, 1981, p. 72.

graças a eles, hoje nós podemos dizer que a Antártica é um continente que palpita em torno de 14 a 19 milhões de Km², onde apenas 5% de seu território se apresenta degelado no decorrer do verão. As suas temperaturas se agitam entre os 10°C positivos até os -88°C e os seus ventos — que ultrapassam os 300km/h — lhe conferem o título de *região mais hostil do planeta*. Ela se encontra isolada do resto do mundo, guardada pelos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico, abrigando o Pólo Sul Geográfico da Terra.

Até agora, já foram catalogadas 921 espécies de vegetais inferiores: líquens, fungos e musgos, que se desenvolvem apenas na orla marinha. O Oceano Austral, contorno marítimo que vai até aproximadamente o paralelo 62°S, acolhe inúmeras espécies de peixes comestíveis, *krill*, baleias e algas marinhas gigantescas; ou ainda focas, leões e elefantes marinhos que, juntamente com mais cinco diferentes espécies de pingüins, chegam à orla durante o verão para assegurar a vida aos seus filhotes.

Petrels gigantes, com asas de até 3m de envergadura, sobrevoam as grandes formações cordilheiras, os glaciares e os imensos *icebergs* que navegam nos mares austrais, caracterizando uma das mais belas paisagens da Terra. A beleza agressiva da Antártica abriga uma grande quantidade de recursos minerais não renováveis. Os especialistas afirmam que as reservas petrolíferas chegam a 50 bilhões de barris, ou seja, 35 vezes as reservas conhecidas em nosso país. Além disso, a camada de gelo, que pode chegar a até 4,5km de espessura, reveste ocorrências de ouro, ferro, manganês, urânio, carvão e é considerada a maior reserva de água doce da Terra, constituindo 90% da água potável do planeta.

O Tratado Antártico, elaborado durante o Ano Geofísico Internacional (1959), iniciou sua vigência a partir de 1961 e tem demonstrado ser um instrumento eficiente na gerência da *questão antártica*.² Ele insere em sua órbita países desenvolvidos, em vias de desenvolvimento, as pequenas e as grandes potências e países com diferentes modos de produção. O Tratado Antártico vem assegurando, desde então, atividades pacíficas e não nucleares, liberdade de pesquisa científica e cooperação internacional para este fim. Os países têm trocado informações e resultados de seus programas científicos; têm mantido o intercâmbio de cientistas; e, principalmente, mantido “congeladas” as aspirações territorialistas de alguns países.³ O Tratado de Washington mantém-se aberto a todos os Estados que demonstrarem real interesse em desenvolver pesquisas científicas na região.⁴

Do mesmo modo, as Reuniões Especiais têm tornado possível o estabelecimento de regimes de apropriação, voltados aos recursos minerais e biológicos, cuja exploração não estava prevista nos moldes do Tratado; de maneira que as *Convenções para os Recursos Vivos* e as *Convenções para os Recursos Minerais* deverão regular a vida econômica na Antártica, a partir de 1991 — época em que o Tratado poderá ser revisto.⁵

2 Sobre a questão antártica, ver: Marcondes D'Elia, L. Regina. O Brasil e a Exploração da Antártica. In: *Brasil em Perspectivas internacionais*. Rio de Janeiro, PUC, out/dez, 1986.

3 Idem.

4 *Tratado Antártico* ou *Tratado de Washington*, assinado em 01 de dezembro de 1959.

5 MARCONDES D'ELIA, L. Regina. Elementos de uma Política de Colonização: a França e a exploração da Antártica. In: *Política e Estratégia*, vol. V, nº 4, São Paulo, Núcleo de Estudos Estratégicos, 1988.

O BRASIL NA ANTÁRTICA

A entrada do Brasil na Antártica, em sua primeira operação (1982/83), tratou do reconhecimento da área, de visitas protocolares a estações estrangeiras, do treinamento de pessoal em estações de países com maior experiência, e da observação da região: tendo em vista a organização das futuras expedições. Nesse sentido, em dezembro de 1982, o *Barão de Teffé*, sob o comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra, José Pastor de Almeida, atravessou o Estreito de Drake com 86 pessoas a bordo, entre tripulantes, cientistas, técnicos e convidados para uma visita de reconhecimento às estações: *Bellinghausen* (URSS), *Arturo Pratt* (Chile), *Henryk Arctowski* (Polônia), *Palmer* (EUA), *Almirante Brown* (Argentina), *Faraday* (Inglaterra), e à Ilha de Deception, na qual jaziam três estações destruídas e abandonadas em decorrência de erupções vulcânicas.

Simultaneamente, o NOc *Professor Wladimir Besnard*, da Universidade de São Paulo (USP), sob o patrocínio da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM) e integrado ao Comitê Científico de Pesquisas Antárticas (SCAR) – órgão internacional que coordena todas as pesquisas efetuadas na região – inicia as primeiras coletas de material biológico e a marcação de suas primeiras estações oceanográficas no Estreito de Bransfield. Este cruzeiro foi particularmente importante, pois deu início à fase de preparação de nossos cientistas para a entrada do Brasil no *Second International Biomass Experiment* (SIBEX).⁶

No dia 12 de setembro de 1983, o Brasil torna-se membro consultivo do Tratado Antártico, por resolução tomada durante sua V Sessão Especial.

“A obtenção desse status, que permitiu à delegação brasileira participar da XII Reunião do Conselho de Camberra, na Austrália, foi fruto da demonstração de que estávamos seriamente interessados em realizar pesquisas científicas na região, principalmente após as primeiras expedições do NAPOc Barão de Teffé e do NOc Professor Wladimir Besnard”⁷

A segunda expedição, iniciada em novembro de 1983, seguindo até março de 1984, avaliou as condições adequadas à construção de nossa Estação. Decidido o local, foram então montados, sob a coordenação do Comandante Fernando Araújo, os primeiros oito módulos da Estação Antártica *Comandante Ferraz*, que teve como seu primeiro chefe o Capitão-de-Corveta Edison Martins. O ponto das coordenadas 62° 05' S 58° 23.5' W, da Península Keller, na Bafa do Almirantado, Ilha do Rei Jorge, no Arquipélago das

6 Sobre a importância da participação do NOc *Prof. Wladimir Besnard* no SIBEX, para que o Brasil se tornasse membro consultivo do Tratado Antártico, ver *Folha de S. Paulo*, 10 de março de 1985.

7 Serviço de Relações Públicas da Marinha. In: *Revista do Poder Naval*. Brasília, Ministério da Marinha, março de 1984.

Shetlands do Sul, foi selecionado considerando-se os seguintes aspectos:⁸

- terreno adequado, sem necessidade de grandes trabalhos de terraplanagem, amplo o bastante para a Estação e suas possíveis ampliações, provido de água;
- área protegida por montanhas e geleiras, descoberta de neve ou gelo em sua maior parte durante o verão, protegida dos fortes ventos da região, tanto para as instalações em terra quanto para os navios fundeados;
- bom fundeadouro para navios em apoio.

"A inauguração da Estação foi realizada no dia 6 de fevereiro de 1984, às 10:00h, presidida pelo Comandante do NAPOc *Barão de Teffé*, (então) Capitão-de-Mar-e-Guerra Paulo César de Aguiar Adrião, contando com a presença do NOc *Prof. Wladimir Besnard* (USP); do Navio *Piloto Pardo* (Armada Chilena); do Navio de Pesquisas *Alcazar* (Chile); dos chefes da Estação de *Arctowski* (Polônia); de *Marsh* (Chile de *Jubani* (Argentina); e de pesquisadores brasileiros, chilenos, argentinos e russos, além, é claro, do pessoal embarcado no *Barão de Teffé*".⁹

A terceira expedição começou em novembro de 1984, terminando em março de 1985; tratou da ampliação da Estação Antártica *Comandante Ferraz*, que de seus oito módulos iniciais passou, a partir de fevereiro de 1985, a contar com um total de 36 módulos. Com a ampliação realizada, neste período, a Estação ficou capacitada a dar apoio a 13 projetos de pesquisa que variavam entre Ciências da Atmosfera, Ciências da Vida, Ciências da Terra, Educação e Treinamento, e Logística. A *Estação Ferraz*, durante a *Operação Antártica III*, abrigou 9 homens de apoio e 13 pesquisadores, em cada uma das suas diversas fases:

"... esta proporção evidencia a importância que tem sido dada à pesquisa, pois poucas estações na Antártica, seja de país desenvolvido, seja de programas operados exclusivamente por civis, podem mostrar uma proporção tão alta de pesquisadores; evidencia ainda o enorme esforço desenvolvido pelo pessoal em prol da pesquisa".¹⁰

Além da ampliação da *Estação Ferraz*, foi nesta terceira operação, também sob a coordenação do Comandante Fernando Araújo, que os Refúgios

8 MARTINS, Edison (Capitão-de-Corveta). Relatório Final – Estação Antártica *Comandante Ferraz*, verão austral de 1984, p. 5-6. *Comissão Interministerial para os Recursos do Mar*. Brasília, Ministério da Marinha.

9 Idem.

10 ARAÚJO, Fernando Sérgio de Nogueira (Capitão-de-Fragata). *Operação Antártica III* (15/11/1984 a 20/04/1985). Relatório do Coordenador da CIRM embarcado. *SECIRM-Ministério da Marinha*, Brasília, p. 42.

Astrônomo Cruls (Ilha Nelson) e Engenheiro Wiltgen (Ilha Elefante) foram instalados.

“O reconhecimento do local na Ilha Nelson para a construção do Refúgio foi feito durante a Operação Antártica II pelo Prof. Festenseifer e sua equipe que apontou quatro opções, tendo sido escolhida na Operação Antártica III a opção mais próxima ao Estreito Fields, pois além de ser mais próxima da Ilha Rei Jorge, é um local de fácil acesso, relativamente abrigado, permitindo caminhadas para o interior da ilha e possuindo, bem próximo, um córrego que permite a ligação direta de água para o Refúgio”.¹¹

Do mesmo modo, o reconhecimento da localização ideal para o Refúgio Engenheiro Wiltgen, na Ilha Elefante, foi feito em conjunto, na Operação Antártica II, pelo Prof. Rudolph Trouw e pelo Comandante Fernando Araújo, onde ficou decidido Stinker Point, pois além de apresentar as mesmas vantagens de ordem logística, é uma área rica em aves diversas, elefantes marinhos, grandes pingüineiras, focas, etc., e pode ainda abrigar alternativamente equipes de biólogos e geólogos. Desta forma, ao final da Operação Antártica III, as pesquisas brasileiras na região estavam de “vento em popa”: a Estação Antártica Comandante Ferraz ampliada, com seus laboratórios funcionando; os Refúgios já abrigavam 12 pesquisadores; o NOc Prof. Wladimir Besnard (USP) marcando suas estações oceanográficas no Oceano Sul; e o NAPOc Barão de Teffé, depois de ter dado apoio à ampliação das construções, auxiliava os pesquisadores a bordo na coleta de espécimes biológicas e nas medições de correntes marítimas nos mares austrais.

A Operação Antártica IV, que começou em novembro de 1985, terminando em março de 1986, marcou definitivamente a participação do Brasil na região, com a permanência de 10 pessoas, entre civis e militares, que trabalharam, em conjunto e por 9 meses, na Estação Antártica Comandante Ferraz, durante o mais rigoroso de todos os invernos do planeta. Em seu período de verão, foi efetuada a segunda ampliação de Ferraz, que naquele período passou a contar com 48 módulos; além da instalação de mais um Refúgio, o Padre Rambo, construído pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), na Ilha Rei Jorge. Todos os projetos de pesquisa foram desenvolvidos a contento, tanto em Ferraz como nos Refúgios e, desta forma, o Programa Antártico Brasileiro tem sido, até então, um grande sucesso em nível nacional e internacional.

Sob a perspectiva das relações internacionais, o Brasil tem adotado, desde o início de seu programa antártico, a posição condizente com o Tratado de Washington, que é a de não reivindicar qualquer parte do território e, como contrapartida, não reconhecer nenhuma reivindicação feita até então. Posição esta que, por enquanto, projeta o Brasil para fora do alcance das querelas territorialistas de alguns dos nossos vizinhos e de outros países do Norte, na medida em que, dos Estados que participam nas atividades antárticas, sete – Argentina, Austrália, Chile, França, Nova Zelândia, Noruega e

¹¹ Idem, p. 25.

Reino Unido – têm formulado expressamente seus interesses territorialistas. Neste sentido, a participação do Brasil se apresenta rigorosamente conforme o Tratado, tendo como objetivo principal:

“a liberdade de pesquisa científica na Antártica e de colaboração para este fim, conforme o exercido durante o Ano Geofísico Internacional”.¹²

O PROANTAR efetivou seus primeiros passos no despertar da Nova República, ao final do Governo Figueiredo, com um propósito extremamente importante para os brasileiros, que é o de tornar possível a presença do Brasil em qualquer discussão relativa aos destinos da Antártica. Contudo, isto não quer dizer que anteriormente nossos pesquisadores não tenham se interessado pelos problemas da região austral. O Instituto Brasileiro de Estudos Antárticos (IBEA), desde 1975, vem se debatendo com estas questões. Sendo que o IBEA

“Teve como principal obstáculo o conflito geopolítico com a Argentina – consta, por exemplo, que o IBEA precisou desativar seu projeto de expedição científica à Antártica por imposição oficial, na primeira metade da década de setenta, quando o Brasil negociava as cotas de Itaipu com o país vizinho. Na época, o Governo Geisel, por não querer abrir mais um foro de divergências com a Argentina, mandou o Conselho de Segurança Nacional demover o IBEA de suas intenções. Desde então, o interesse pela Antártica ficou adormecido e só um ou outro pesquisador isolado se preocupou com o assunto”.¹³

Esse fato pode explicar, em parte, o tão propalado “atraso do Brasil” com relação aos outros países.

Mediante o apoio logístico da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM), na instalação da Estação Antártica *Comandante Ferraz*, dos Refúgios *Engenheiro Wiltgen*, *Astrônomo Cruls* e *Padre Rambo*, em uníssono, com a presença e o trabalho de nossos pesquisadores, oriundos de diferentes universidades brasileiras – eventualmente em conjunto com estações estrangeiras – o Brasil firmou sua posição de empenho, seriedade e cooperação em relação ao resto do mundo. Hoje, o Programa Antártico Brasileiro desfruta do respeito e da confiabilidade conquistados arduamente por seus participantes. Pode-se lembrar, de passagem, que segundo o Capitão-de-Fragata José Fernando Ermel, chefe da ESANCF no verão austral de 1984/85, a Estação Antártica *Comandante Ferraz* recebeu do Itamarati, em 1986, a Ordem do Mérito Rio Branco, por seus serviços prestados ao país durante a *Operação Antártica III*.

Torna-se interessante ressaltar, que as condições de sobrevivência e de trabalho na região antártica demandam a utilização de equipamentos com al-

12 Artigo 2 do Tratado Antártico.

13 Revista Visão. São Paulo, 26/10/1981.

tíssimo grau de sofisticação tecnológica, bem como uma organização social do trabalho específica. As estações antárticas e árticas, as estações submarinas, as plataformas de exploração de petróleo *offshore*, os submarinos e as estações espaciais fazem parte do quadro das novas sociedades que surgem nesta segunda metade do século, as quais convencionamos chamar de *sociedades artificiais*.¹⁴ Nestas, os problemas logísticos ganham especial relevância, em decorrência da hostilidade do ecossistema e do alto grau de isolamento a que estão submetidas as pessoas que as operam, sendo que uma simples pane em determinado equipamento pode custar a vida de seus tripulantes. Para o desenvolvimento de tais equipamentos, em alguns dos quais o Brasil não possuía nenhuma experiência prévia, principalmente em função da disparidade entre os ecossistemas brasileiros e os fenômenos climáticos austrais; a partir da *Operação Antártica II*, os 12 tripulantes ao mesmo tempo em que montavam a *Estação Ferraz* estavam desenvolvendo experimentos científicos e de logística: *Propagação de VLF na Baixa Atmosfera*, de responsabilidade do Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE); *Reações do Organismo Humano ao Frio no Ambiente Antártico*, de responsabilidade do Hospital das Forças Armadas; *Metereologia na Região Antártica*, sob a responsabilidade do Instituto Nacional de Metereologia (INEMET); *Avaliação de Vestimentas Especiais*, sob a responsabilidade da Diretoria de Abastecimento da Marinha; *Avaliação da Ração Glacial*, desenvolvida pelo Estado-Maior das Forças Armadas; *Treinamento da Tripulação em Sobrevivência na Neve e no Gelo: montanhismo e utilização de equipamentos especiais*, sob a responsabilidade do Club Alpino Paulista.

Segundo o Comandante Edison Martins,

“A tripulação pioneira da Estação Antártica superou, em conjunto, toda a expectativa com relação ao seu desempenho. Pela primeira vez, um grupo heterogêneo, cujos integrantes foram selecionados por organizações as mais diversas, constituído por militares e civis de formações e graus de instrução diferentes, sem um convívio prévio de razoável duração, recebeu a missão de montar e operar uma Estação Antártica, com projeto efetivamente desconhecido por quase todos, além de conviver isoladamente durante mais de trinta dias”.¹⁵

No que se refere especificamente aos trabalhos científicos, os pesquisadores brasileiros têm demonstrado que estão preparados para trabalhar em

14 As “Sociedades Artificiais” são sociedades localizadas em regiões do planeta, e fora dele, onde o ecossistema não propiciou formação de populações autóctones e foram construídas artificialmente a partir da II Grande Guerra, envolvendo um alto grau no desenvolvimento das forças materiais e produtivas da humanidade. Dadas as suas principais características como: isolamento, confinamento, dependência de infraestrutura sofisticada, as Estações Polares podem ser comparadas apenas às Plataformas de Petróleo *offshore*, aos Submarinos e Estações Espaciais. Para informações mais detalhadas, ver: Marcondes D’Elia, L. Regina. *Les Sociétés Artificielles: conditions de vie et de travail dans les stations arctiques et antarctiques, les plateformes pétrolières, les sous-marins et les stations spatiales*. In: *Journées Polaires*. Centre Culturel de l’Albigeois, Albi, France, les 3-5 de decembre, 1988. Ou ainda: Marcondes D’Elia, L. Regina. *Sociologia na Antártica?* In: *Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, nº 2, 2ª série, São Paulo, FFLCH/USP/CERU, 1988.

15 MARTINS, Edison. (CC-FN) *Relatório Final-verão austral de 1984*, p. 10.

cooperação com seus colegas de outras estações, com proveitos científicos e tecnológicos que ultrapassam qualquer fronteira, seja territorial ou ideológica. O PROANTAR, neste espaço de tempo relativamente curto, se comparado aos programas estrangeiros, já exporta os seus primeiros resultados científicos, além de algumas teses de mestrado e de doutorado se encontrarem em sua fase final de elaboração.

A *Operação Antártica III* marcou a jovem história do PROANTAR, principalmente, por ter firmado a posição das investigações científicas brasileiras no rol das pesquisas antárticas internacionais perante o SCAR. Nesta etapa, contamos com três pesquisadores brasileiros alojados na Estação Polonesa de *Arctowski*; seis pesquisadores na Estação Chilena *Ten. Rudolph Marsh*; vinte e dois pesquisadores na *Estação Ferraz*; dezoito no *NAPOC Barão de Teffé*; doze nos Refúgios; e mais treze no *NOc Prof. Wladimir Besnard*, da Universidade de São Paulo. Foram desenvolvidos um total de vinte e sete projetos de pesquisa, dentro das áreas de Ciências da Vida, da Atmosfera e da Terra.

No que tange às Forças Armadas, especialmente a Marinha e a Aeronáutica, podemos dizer que o *Barão de Teffé*, sob o comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra Fetal, tanto na *Operação Antártica III* como na *IV*, apresentou uma tripulação impecável em nível técnico-operacional e ao nível das relações interpessoais com os pesquisadores. O apoio dos aviões Hércules C-130, da Força Aérea Brasileira, tem sido essencial, e na região antártica tivemos a oportunidade de participar e de observar os treinamentos de seus pilotos, na difícil e perigosa tarefa de pouso e de decolagem sobre o gelo e sob o forte vento polar.

Entretanto, todos estes aspectos que são particularmente importantes, e podemos dizer fundamentais para o sucesso destas missões, exprimem o fato de que uma questão mais sutil estava sendo bem conduzida. Uma questão sutil e delicada, mas não menos importante em decorrência da própria história política de nosso país, nos últimos vinte e cinco anos, qual seja, a do relacionamento entre as Forças Armadas e a Comunidade Científica. No tocante a esta problemática que está sendo tratada com mais rigor em meus estudos sobre as *sociedades artificiais*, desejo apenas esboçar aqui poucas considerações.

Não acredito que seja necessário revolver a história das relações entre militares e cientistas no Brasil, mas gostaria de ressaltar que uma das maiores conquistas sociais do PROANTAR, em nível nacional, foi justamente a de ter inaugurado uma nova etapa de vinculação entre as Forças Armadas e a Comunidade Científica, "colocando no mesmo barco" o que poderíamos chamar, até então, de gregos e troianos — unidos em seu amor à bela Helena.

Atendo-me especialmente às *Operações III e IV*, das quais tive o privilégio de participar, e justamente por ser o período em que a aproximação entre as duas categorias ganhou maior organicidade, dada a plena utilização da *Estação Ferraz* e dos Refúgios, creio necessário ressaltar que este relacionamento foi, positivamente, surpreendente para ambos. No que se refere à Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (SECIRM), tanto da parte do Almirante Valbert Lisieux como da de seu sucessor, Almirante Costa Fernandes, os pesquisadores obtiveram total receptividade quanto ao encaminhamento das idéias e projetos. Inclusive mantendo canais

diretos de comunicação interpessoal da Antártica com Brasília e de Brasília com a Universidade.

Durante estas duas operações, o Comandante Fernando Araújo, sub-secretário do PROANTAR no período, acompanhou pessoalmente o desenvolvimento dos trabalhos, no campo, fornecendo toda a infraestrutura necessária às nossas pesquisas nas estações estrangeiras, nos Refúgios e no *Barão de Teffé*. No decorrer destas duas expedições, cada projeto foi minuciosamente discutido por ele com o pesquisador responsável, e não raramente aprimorado, graças a sua experiência no campo e preparo intelectual. Isto não significa que por vezes não houvesse divergências, contudo estas eram resolvidas racionalmente e tendo como objetivo final o bom andamento dos trabalhos (falamos aqui do famoso “espírito antártico”).

Enquanto isso, na Estação Antártica *Comandante Ferraz*, o mesmo acontecia. No verão austral de 1984/1985, o Comandante Ermel, chefe de estação, participava ativamente das pesquisas: trabalhou como “cirurgião” de *ice-fishes*, coletou amostras de rochas, observou aves, colaborou com depoimentos, entrevistas e análises; e deve-se ressaltar que cada um dos militares de apoio, sem exceção, participou de uma ou outra forma nos trabalhos científicos de nossa estação, com tarefas que foram muito além de suas funções específicas, seja a de operador de máquinas, eletricista, rádio-comunicador, cozinheiro, tratorista, médico ou escafandrista. Este fato, efetivamente, determinou um altíssimo grau de cooperação, de integração e de solidariedade entre militares e civis, contribuindo para que o nível de sociabilidade no interior da estação, e fora dela, propiciasse as condições indispensáveis para o bom rendimento dos trabalhos naquela inóspita região.¹⁶

Em 1985/86, na *Operação Antártica IV*, sob a coordenação do Comandante Fernando Araújo, mais experiente, pois além de ter participado do programa desde sua segunda expedição, já conhecia as dificuldades logísticas para o desenvolvimento de cada projeto, tivemos as relações interpessoais e de cooperação aprimoradas, e conseqüentemente a produtividade nos trabalhos se manteve ascendente. Do mesmo modo, o Comandante Fetal e sua tripulação, conhecendo melhor a navegação nos tortuosos caminhos dos mares austrais, com habilidade e segurança atravessou pela primeira vez o *Barão de Teffé* para além sul do Círculo Polar Antártico.

A ESANCEF, neste período chefiada pelo Comandante Antonio Teixeira, também conhecedor das expedições antárticas e um dos autores da primeira carta náutica brasileira sobre a Península Antártica, manteve na Estação as condições necessárias ao bom desempenho dos pesquisadores e militares e ao solidário relacionamento entre a *Estação Ferraz* e as Estações de outros países (que o habilitou para o sucesso de sua chefia da Estação durante os nove meses da segunda invernação brasileira – 1987 – na Antártica).

A experiência positiva do PROANTAR resultou no fato de que, desde 1985, a CIRM está estimulando esta cooperação entre militares e comunidade científica através de outros trabalhos conjuntos. Para o II Plano Setorial para os Recursos do Mar (PSRM), documento que informou o Plano de Metas do Presidente Sarney sobre as necessidades e possibilidades de utilização

16 ARAUJO, Fernando Sérgio de Nogueira (CF) – *Relatório*, op. cit.

dos recursos marinhos brasileiros, militares e cientistas, além de representações de outros segmentos da sociedade civil, reuniram-se para a discussão de problemas nacionais relativos à utilização do mar territorial brasileiro. Esta foi mais uma experiência em que todos saímos ganhando.

Tomamos por bem assinalar esses pontos, que consideramos como um grande avanço na direção de novas soluções para os difíceis problemas que o nosso país vem enfrentando, pois no decorrer de nossas pesquisas, vimos constatando que o alto nível de cooperação, solidariedade e respeito alcançado entre a comunidade científica e militares no PROANTAR, obteve seu conagraamento fundamentalmente mediante a experiência conjunta nos trabalhos de campo. Já está se tomando um mito a idéia de que nas estações antárticas as situações aparecem despojadas de conflitos. Fato que deve ser considerado com bastante cuidado, pois pode trazer o risco de esvaziar as dificuldades que enfrentamos na construção de um cotidiano inteiramente singular, em que a despeito das divergências de pressupostos (sociais de um modo geral e ideológico em particular) anteriormente internalizados, no decorrer de diferentes processos de socialização, procuramos reconstruir nossos parâmetros tomando por meta o bem-estar comum. Neste processo de reconstrução, inúmeras vezes doloroso, ambos estamos aprendendo: Forças Armadas e Comunidade Científica. As nossas lições diárias na Antártica têm ultrapassado em qualidade, intensidade e dificuldade àquelas que assistimos em nossas universidades ou na Escola de Guerra Naval. Daí a perplexidade de certos setores da comunidade científica e também dos militares, quanto aos bons resultados alcançados. E daí, principalmente, a aceitação geral do Programa Antártico Brasileiro pela sociedade civil, que se vê participante de nossos resultados.

Em 1982, por ocasião da partida do *Barão de Teffé* do Rio Grande do Sul, numa extensão de 4km da Barra do Rio Grande, dezenas de pescadores saudavam a partida do *Barão*. Em Caruaru (PE), pingüim faz parte do artesanato local e a Estação Antártica *Comandante Ferraz* já entrou para a literatura de cordel. Recordando Raimundo Santa Helena:¹⁷

“Internacionalmente o Brasil já tem cartaz
Por ser um país pacífico
Progressista e audaz
Com amor, fé e coragem
Agora segue viagem
Pro continente da paz”.

Lembramos, também, o nosso saudoso Carlos Drummond de Andrade, que insatisfeito com a política econômica brasileira, já dizia:

“Vou me embora para a Antártica...”¹⁸

17 SANTA HELENA, Raimundo. *O Brasil na Antártica, Continente da Paz*, cordel, Paraíba, 1982.

18 ANDRADE, Carlos Drummond de. Vou me embora para a Antártica. In: *Folha de S. Paulo*, 08/01/1983.

“É assim que passou a haver tudo o que não havia” e o espírito antártico tem se estendido, de um modo geral, a todos os brasileiros – vinculados ou não ao Programa – como é o caso de Amir Klink.

O Programa Antártico Brasileiro, assim como a “Nova República”, tem exigido um grande cuidado e empenho na sua manutenção, ambos exprimem de forma notável os horizontes que o Brasil vislumbra para as nossas futuras gerações. Do mesmo modo, o PROANTAR sintetiza questões de reordenamento da sociedade brasileira como um todo e da posição do Brasil no panorama da nova ordem econômica internacional.

Recebido em 09 de março de 1989

ABSTRACT

This article is an historical account of Brazil's participation in the exploration of the Antarctic and of the country's objectives in this region. Primarily, Brazil has concentrated its efforts on scientific research in various fields. This has led to direct contact among scientists of many research areas. Yet one of the most significant contributions this endeavor has yielded has been that of proving that at least in the Antarctic effort there has been the possibility for dialogue among the military and academic communities.

Kay-words: *Antarctic – Historiography – Field research.*